

Jornalista investiga o impacto da geografia no destino das nações

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Tim Marshall associa as tensões da geopolítica internacional do passado e do presente a condicionantes geográficos. Quando se fala em geopolítica internacional, a ênfase costuma cair na política, com o prefixo "geo" sendo praticamente ignorado. "Prisioneiros da Geografia – 10 Mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global", do jornalista Tim Marshall (Zahar, 284 pgs, R\$ 49,90), regata a importância da geografia nas relações entre os povos, mostrando de forma didática o seu impacto no destino das nações e nos diferentes graus de desenvolvimento de diferentes partes do globo. Com vasta experiência em áreas de conflito, Marshall mostra como as decisões dos líderes políticos sempre foram e sempre serão influenciadas "pelos rios, montanhas, desertos, lagos e mares que nos rodeiam a todos". Ainda que o autor exagere um pouco o peso dos condicionantes geográficos – topografia, hidrografia, recursos minerais – no êxito ou no fracasso das sociedades, trata-se de uma leitura interessantíssima, que revela que a geografia está muito mais presente na nossa vida do que pensamos. Ela determina em parte as disputas de poder, as guerras, as línguas, o comércio e religião. Em suma, somos todos prisioneiros da paisagem em que vivemos – e temos menos margem de escolha do que imaginamos. Os dez mapas citados no subtítulo do livro sintetizam as tensões nas principais regiões estratégicas do mundo: Rússia, China, Estados Unidos, Europa Ocidental, África, Oriente Médio, Índia e Paquistão, Japão e Coreia, América Latina e o Ártico. A análise de Marshall não é ideológica: ele não está preocupado em argumentar a favor de um modelo de mundo ideal, tal como ele deveria ser, mas tão somente em apresentar o mundo real como ele é. Assim, por exemplo, em sua análise da relação entre a Europa ocidental e a Rússia, o que importa não é o desapareço do governo Putin às regras da democracia, à liberdade de expressão ou aos direitos humanos, mas simplesmente a dependência dos países europeus do gás russo: "Metade do gás consumido na Alemanha vem da Rússia, o que explica por que os políticos alemães tendem a ser mais moderados nas críticas ao Kremlin do que a Grã-Bretanha, que produz seu próprio gás, incluindo reservas capazes de garantir até nove meses de abastecimento". Já um país meridional como Portugal, onde o aquecimento no inverno não é uma questão de sobrevivência, mas de conforto, também tem menos motivos para se preocupar em não melindrar a Rússia com eventuais críticas. Por outro lado, se a Rússia tivesse montanhas no seu lado ocidental e acesso às águas mornas do Oceano Índico, não se preocuparia com a Ucrânia, pois disporia de portos que não congelam no inverno. Além dos distúrbios na Ucrânia, a disputa pelos recursos naturais do território ártico e o crescimento da China são outros temas abordados no livro. No capítulo sobre a América Latina, o autor sublinha que, no caso do Brasil, apesar de algumas limitações geográficas, o problema não são os recursos naturais, mas a incapacidade de criar uma infraestrutura à altura de seu potencial: "O centro agrícola do sul do país tem, aproximadamente, a mesma dimensão de Espanha, Portugal e Itália juntos, é muito mais plano que o resto do país e é relativamente bem irrigado, mas faltam vias de transporte devidamente desenvolvidas". O mesmo ocorre com a Argentina, outro país que "não aproveitou sempre as suas vantagens ao máximo": "Há cem anos estava entre os dez países mais ricos do mundo, à frente da França e da Itália, mas a falta de diversificação, a sociedade estratificada e injusta, o mau sistema de ensino, uma sucessão de golpes de Estado e a grande variação das políticas económicas um declínio acentuado da Argentina". Ou seja, a "geografia humana" também conta – e muito – no desenvolvimento de uma nação.

